

## AS BASES FILOSÓFICAS DA GEOGRAFIA NOS TEMPOS MODERNOS

### META

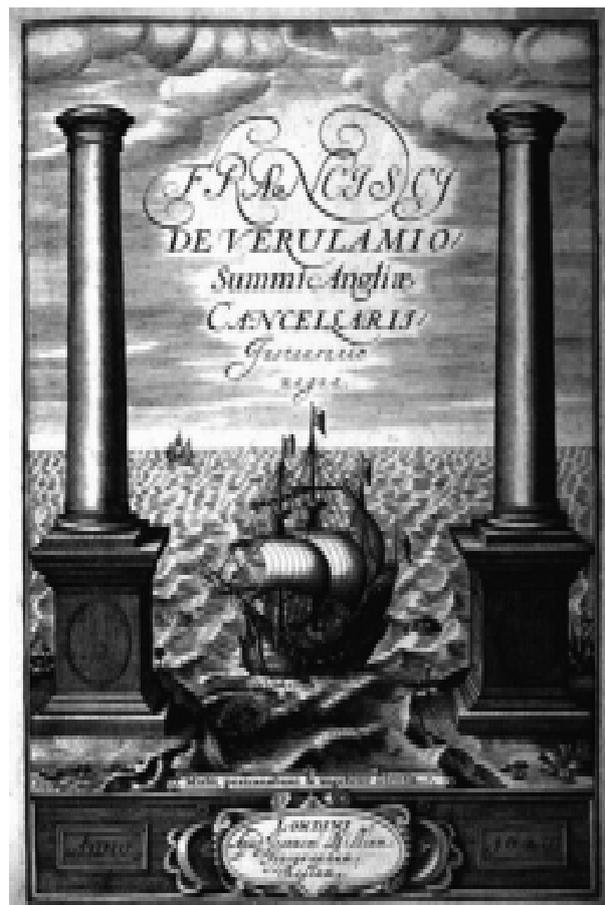
Discutir as bases filosóficas da Geografia na época moderna.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
entender a conformação do pensamento filosófico da Geografia nos tempos modernos.

### PRÉ-REQUISITOS

Considerando a complexidade do tema, já abordado por diversos autores e considerando ainda, que este texto foi pensado e escrito sob a ótica dos autores mencionados na bibliografia, é recomendável que você faça uma releitura da aula anterior e da bibliografia indicada no final dessa aula, o que facilitará a sua compreensão, ao tempo em que suprirá as possíveis lacunas do texto.



Em seu pensamento filosófico Bacon tenta instaurar a *Instauratio magna* (Grande Restauração). Apresentando métodos que deveriam superar ou substituir os de Aristóteles. (Fonte: <http://www.pt.wikipedia.org>).

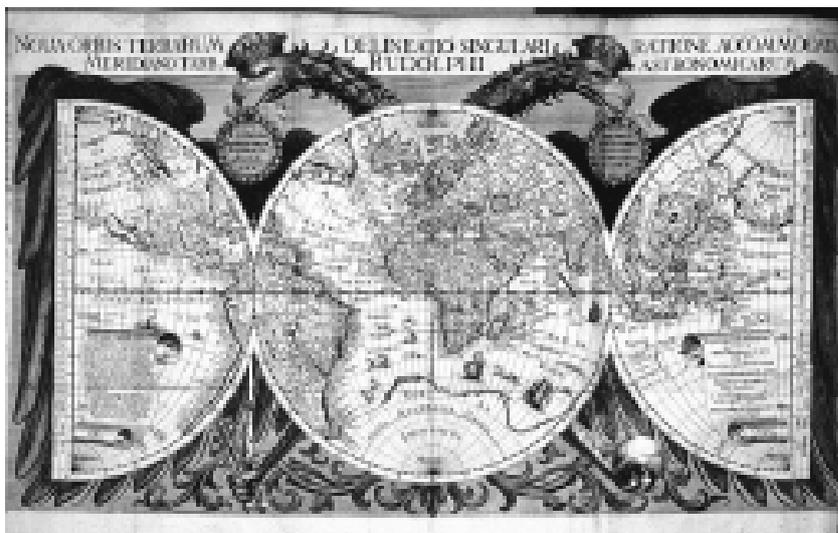
### INTRODUÇÃO

Prezado aluno,

Na última aula, você percebeu os ideais do pensamento moderno, que buscou a compreensão do mundo através da razão. Com a razão, o homem se vale de si próprio para compreender o mundo. A ciência moderna se caracterizou por uma rigorosa busca do conhecimento, que substituiu a ordem metafísica, por uma ordem que primava pela produção do conhecimento produzido, através da experimentação e da técnica. Desse modo, a ciência se desenvolvia, propondo um novo tipo de conhecimento. A partir desses elementos, o progresso e a civilização seriam inevitáveis.

Considerando esse contexto, pergunto: Quais as bases filosóficas da Geografia na época moderna? A presente aula será desenvolvida buscando responder a esse questionamento.

Chamo a atenção para o fato de que embora muitos autores tenham sido citados na bibliografia desse texto, o livro *Geografia e modernidade* de Paulo César da Costa Gomes, foi a principal referência para a elaboração dessa aula.



Mapa de 1627  
(Fonte: <http://pt.wikipedia.org>).

## AS BASES FILOSÓFICAS DA GEOGRAFIA NOS TEMPOS MODERNOS

Sob o foco das luzes, a relação homem/natureza foi amplamente discutida pelos filósofos do século XVIII. A natureza é a origem de todo conhecimento e o centro para o qual converge a ânsia de saber. A natureza fornece as leis da lógica do conhecimento e da vida social, possibilitando ao homem se orientar pela razão.

No seio dessas discussões, muitos filósofos como: Bacon, Descartes, Locke, Newton, Kant, entre outros, trouxeram à tona, temas que mudaram o entendimento da ciência, dando lugar a uma nova ordem na organização da sociedade moderna. Por isso, acredito que vale a pena revisitar o pensamento de alguns filósofos que começaram a tecer os fios do tecido geográfico formado principalmente no século XIX.

As ideias de Bacon formam o eixo definidor da ciência moderna, sendo este considerado por muitos autores como o seu fundador. Ele criou o método experimental e o empirismo e produziu ainda, uma forma para a sistematização do conhecimento, valorizando nesse processo, a metodologia científica. Bacon opôs-se radicalmente às ideias medievais de feudalismo e de divisão de poder e às noções metafísicas da filosofia escolástica. Esse pensamento revolucionou a ciência em todos os campos do conhecimento, inclusive a Geografia.

Descartes, em seu sistema filosófico, entendeu a razão como bom senso, que para ele pode ser partilhado, uma vez que o mesmo é fruto de uma racionalidade. Ele nos mostrou que existe uma dúvida cética, sendo esta, o ponto de partida para a busca da verdade. Gomes (2007), enfatizou que o mais importante no sistema mecanicista desse filósofo:

[...] reside na essência da matéria definida enquanto extensão. Toda distinção possível provém da forma, do tamanho e da posição relativa. A natureza é geométrica e, pela primeira vez, aparece claramente uma noção abstrata do espaço; a princípio vazio e isonômico, este se define pela posição, pela dimensão, pela forma e pelo movimento dos corpos que o ocupam. (GOMES, 2007, p. 73).

Recorrendo ainda ao entendimento de Gomes (2007), reforço que, no pensamento de Descartes percebe-se “[...] a possibilidade de uma concepção de um espaço abstrato encontra uma grande posteridade no período moderno”. (GOMES, 2007, p. 73). No entanto, o autor chama a atenção para que “[...] não é sem dúvida exagero dizer que este espaço torna possível toda teorização abstrata, como aquela posta em prática por todos modelos espaciais utilizados pela geografia”. (GOMES, 2007, p. 731).

Locke introduziu no mundo moderno a capacidade de o ser humano entender a natureza pelos sentidos de forma que ele interviesse sobre a mesma. Quando Locke enfatizou que o homem apreende a natureza através dos sentidos, ele rompeu com um princípio de que as ideias são inatas e contrapôs-se ao pensamento de Descartes, que defendeu o citado princípio, ao afirmar que o homem é racional e já nasce com essa condição. Essa forma de pensar abriu espaço para as primeiras e grandes reações à mentalidade metafísica, tradicional, cristã e dogmática provocando uma profunda e radical contestação do pressuposto da existência de uma ordem imutável e universal na Inglaterra absolutista. Nessa realidade, o empirismo surgiu para defender a ideia da experiência como fonte fundamental do conhecimento. A partir de então, o homem abandonou as verdades prontas e acabadas e assumiu o poder relativo da verdade em permanente construção. Considerando esse aspecto, o conhecimento passa a não ter caráter absoluto, tendo em vista que é impossível se chegar a uma verdade definitiva.

A outra contribuição fundamental foi a de Isaac Newton que desenvolveu o conceito de força. Para esse filósofo, são as forças físicas que movem a natureza e sendo assim, essas forças representam o princípio de todo o conhecimento. A partir daquele conceito, Newton definiu duas categorias importantes:

[...] de espaço e de tempo absolutos. A distinção newtoniana entre o espaço absoluto e o lugar, definido como uma parte do espaço que um corpo ocupa, está na origem do espaço considerado como categoria a priori kantiana pois, para Newton, existe um espaço “primeiro” que é “seu relação ao que quer que seja de exterior”, enquanto que somente o espaço relativo, definido por corpos, pode ser objeto da experiência sensível. (GOMES, 2007, p. 74).

Ainda seguindo o raciocínio de Gomes (2007), que fez a seguinte análise: “[...] se o movimento dos corpos celeste podia ser visto através das leis, o movimento da sociedade também poderia se tornar o objeto de observação, para que pudesse extrair as regras e as modalidades de seu funcionamento” [...]. (GOMES, 2007, p. 74). Desse modo, a essência do homem e de seu desenvolvimento poderia então ser conhecida de uma maneira tão objetiva quanto aquela da natureza.

Kant, na “Estética Transcendental”, elaborou uma reflexão importante para a Geografia, ao definir a sensibilidade como uma faculdade de intuição, através da qual os objetos são apreendidos pelo sujeito cognoscente. No seu sistema filosófico, percebeu na sensibilidade dois elementos constitutivos: um material e receptivo e outro, formal e ativo. A matéria do conhecimento são as impressões que o sujeito recebe dos objetos exteriores, enquanto a forma exprime a ordem na qual essas im-

pressões são colocadas. Assim concebeu que são duas as formas da sensibilidade: o espaço e o tempo. Kant entende que o espaço e o tempo são formas apriorísticas, ou seja, formas que independem da experiência sensível, porque:

[...] o sujeito cognoscente percebe as coisas como exteriores a si mesmo e exteriores umas às outras que ele forma a noção de espaço; ao contrário, é porque possui o espaço como uma estrutura inerente à sua sensibilidade que o sujeito cognoscente pode perceber os objetos como relacionados espacialmente. Kant mostra ainda que é possível abstrair todas as coisas que estão no espaço, não se podendo fazer o mesmo com o próprio espaço. (KANT, 1987, p. X).

A sua argumentação em relação ao tempo não é muito diferente: “a simultaneidade das coisas e sua sucessão não poderiam ser percebidas se a representação do tempo não lhes servisse de fundamento; acrescentasse a isso o fato de que todas as coisas que se enquadram dentro do tempo podem desaparecer, mas o próprio tempo não pode ser suprimido”. (KANT, 1987, p. X). Assim, o espaço e tempo seriam duas condições sem as quais é impossível conhecer, mas o conhecimento universal é necessário não se esgota neles.

Outro filósofo que não podemos deixar de mencionar é Montesquieu. A Geografia lhe confere uma grande importância, por ele ter sido o autor que refletiu sobre a relação entre natureza e cultura no século XVIII. No seu pensamento a:

[...] sociedade está ligada de maneira necessária à natureza e o desafio é procurar elucidar as leis que regem esta relação. Esta questão foi abordada sob muitos ângulos: sociedades naturais, leis naturais e civis, liberdade individual e necessidade física, poder político liberdades individuais, igualdade natural (dada por uma razão uniforme e geral) e desigualdade social. Também é preciso insistir no fato de que o interesse deste pensamento reside muito mais, para nós, na permanência do tipo de questões levanta do que na diversidade de respostas fornecidas. (GOMES, 2007, p. 80).

Ao estudar a formação do estado moderno, Montesquieu verificou que os climas dos lugares tinham grande influência nas formas de pensar e de agir dos homens. Você vai perceber nas aulas posteriores que esta forma de entender os lugares em relação ao clima, irá influenciar diversos Geógrafos no século XIX. Por isso, muitos autores colocam Montesquieu como o precursor do determinismo de Ratzel.

### CONCLUSÃO

No pensamento dos filósofos anunciados percebemos que vários temas estavam presentes com uma nova concepção de ciência, de natureza, de espaço e de tempo. Muito embora esses temas já começassem a ser delineados, ainda eram tratados de modo muito geral, não sendo possível reconhecer a especificidade do campo disciplinar da Geografia. No entanto, se reconhece que mesmo considerando tal generalidade, não se pode negar uma certa identidade entre as questões levantadas pelos filósofos e o debate que ganhou corpo na Geografia cem anos depois.



### RESUMO

É importante frisar que o pensamento geográfico atual, não se impôs de uma hora para outra. Nesse breve passeio que fizemos pela Filosofia, encontramos autores como: Bacon, Descartes, Locke, Newton, Galileu Kant, que começaram a tecer os primeiros fios do tecido geográfico que se comporia, como já foi dito, no século XIX.

No pensamento dos filósofos iluministas, esteve presente uma nova concepção de ciência, de produção do conhecimento, de espaço e tempo, e ainda, uma nova concepção da natureza. A natureza é a origem de todo conhecimento e o centro para o qual converge a ânsia de saber.

É importante atentar para o fato de que a reflexão sobre a relação homem/natureza realizada por tais filósofos era ainda de ordem muito geral, mas enfatizo que não se pode negar uma certa identidade entre as questões levantadas pelos filósofos e o debate que ganha corpo na Geografia cem anos depois.



### ATIVIDADES

1. Destaque no texto dessa aula, os principais temas discutidos pelos filósofos do século XVIII.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder a essa questão, é preciso que você faça uma releitura desse texto e assim, você irá perceber os temas discutidos naquele século.

## PRÓXIMA AULA

Como você já conhece as bases filosóficas da Geografia, na aula seguinte perceberá como a Geografia consolidou o seu discurso na modernidade.



## AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

Excelente (...)

Bom (...)

Regular (...)

Ruim (...)



## REFERÊNCIAS

BACON, Francis. **Novo organum, ou, verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**; Nova Atlântida. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os pensadores).  
GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. Geografia Fin-de- siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os pensadores).

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

LOCKE, John. **Pensamientos sobre la educacion**. Traducción la lectura y Rafaela Lasaleta. Madri – España: Ediciones AKAL, S.A. 1986.

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar brasileiro (1837–1942)**. 1996. 302 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Programa de Pós - Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.